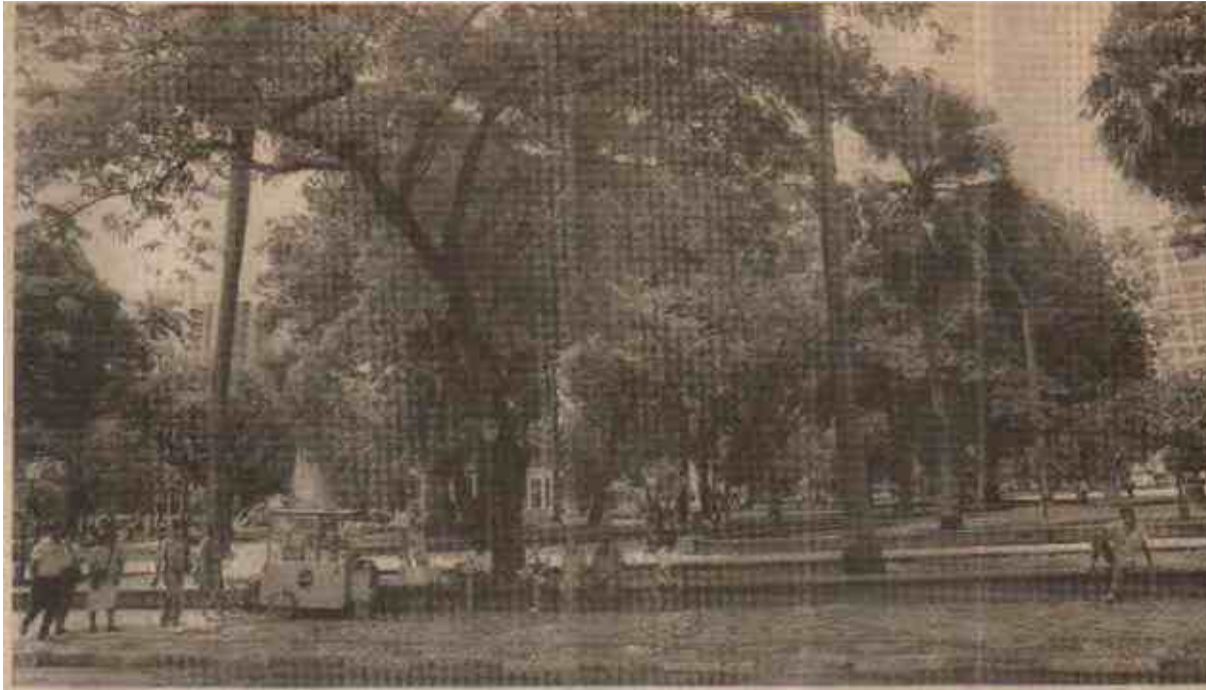


Centenário do Campo Grande tem palestra de Cid

Na oportunidade foram debatidas propostas de parcerias para revitalização da praça ao 'pé do Caboclo'



O local para homenagear os heróis, segundo o historiador, foi determinado por um plebiscito de jornal

O início das comemorações do centenário do monumento em homenagem aos heróis do 2 de Julho, no Campo Grande, foi marcado pela reflexão sobre a história e o surgimento da praça, que devido sua importância cívica se tornou um ponto de referência para os baianos. Ontem pela manhã, no Hotel da Bahia, autoridades e moradores daquela área estiveram reunidos para prestigiar uma palestra com o estudioso Cid Teixeira sobre a história da praça. Na oportunidade, foram debatidas também propostas de parcerias entre poder público e iniciativa privada para a revitalização do lugar.

Durante a exposição, Cid lembrou que mesmo depois de decidida a construção do monumento, que iria homenagear aqueles que lutaram pela independência da Bahia, a grande dúvida era escolher o lugar para instalá-lo, pois entre as opções estavam locais importantes como Largo do Barbalho e Praça Muni-

cipal. Mas através de um plebiscito convocado pelo extinto *Diário de Notícias*, o povo elegeu o Campo Grande como o ponto ideal.

Toda a historicidade do Campo Grande passa pelos aspectos topográficos e suas mudanças que foram se intensificando ao longo dos anos. A instalação da "Estátua do Cabloco", como foi batizada, deu uma nova dimensão urbanística para a praça, que inicialmente foi chamada de Praça 2 de Julho, depois de Duque de Caxias, mas tornou-se conhecida como Campo Grande.

Para que fosse fundada ali a praça que hoje é frequentada por aposentados, casais de namorados, camelôs e crianças, a área - cercada pelo imponente Teatro Castro Alves e abençoada pelo Palácio do Cardeal -, precisou passar por um processo gradativo de nivelamento, pois as elevações naturais e os acidentes geográficos representavam dificuldades para a primeira via de Salvador.

Estas obras foram iniciadas na dé-

cada de 30 do século XIX e interrompidas, e só foram concluídas no início da década de 50 por força de uma parceria firmada entre o presidente da Província, Francisco Gonçalves Martins e a colônia inglesa, representada pelo reverendo Edward George Parker, pastor da igreja anglicana. Na época a mão-de-obra foi composta por negros apreendidos em uma viagem de tráfico clandestino realizada pelo navio *Relâmpago*, último a realizar esta atividade.

A prefeita Lídice da Mata toma este episódio como exemplo para animar as entidades e partes envolvidas com a história do lugar para firmarem parcerias no sentido de trabalharem intensamente pela recuperação total dos 26 mil metros quadrados de praça. O objetivo é que os festejos do 2 de julho deste ano possam ser um ato tão expressivo quanto os dias da folia momesca, quando o Campo Grande, palco de movimentos populares e estudantis, se transforma na passarela da alegria carnavalesca.